

Representações da figura do emigrante em Milan Kundera

Luís Carlos Pimenta Gonçalves
Universidade Aberta

Resumo

O nome do escritor Milan Kundera começa a ser conhecido internacionalmente depois da publicação, no outono de 1968, de uma tradução francesa de *Zert (La Plaisanterie - A Brincadeira)*.

Acabado de redigir em 1965 e publicado em 1967 na Checoslováquia onde é bem acolhido pela crítica e pelos leitores, o livro narra a história de um jovem estudante checoslovaco, em finais da década de 1940, que por ter escrito uma brincadeira num postal destinada à namorada sobre questões de ortodoxia comunista, acaba por ser expulso da organização de jovens estudantes e da própria universidade.

Palavras-chave: Kundera; literatura; emigração

Abstract

The name of the writer Milan Kundera begins to be known internationally after the publication, in the autumn of 1968, of a French translation of *Zert (La Plaisanterie – A Brincadeira)*. Just written in 1965 and published in 1967 in Czechoslovakia where it is well received by critics and readers, the book tells the story of a young Czechoslovak student in the late 1940s, who wrote a joke on a postcard for his girlfriend on issues of communist orthodoxy, he was eventually expelled from the organization of young students and from the university itself.

Keywords: Kundera; literature; emigration

O nome do escritor Milan Kundera começa a ser conhecido internacionalmente depois da publicação, no outono de 1968, de uma tradução francesa de *Zert (La Plaisanterie - A Brincadeira)*.

Acabado de redigir em 1965 e publicado em 1967 na Checoslováquia onde é bem acolhido pela crítica e pelos leitores, o livro narra a história de um jovem estudante checoslovaco, em finais da década de 1940, que por ter escrito uma brincadeira num postal destinada à namorada sobre questões de ortodoxia comunista, acaba por ser expulso da organização de jovens estudantes e da própria universidade. A edição francesa surge depois do fim da Primavera de Praga e da normalização russa com a ocupação do exército do Pacto de Varsóvia no verão de 1968. Este facto histórico traz, por conseguinte, nova atualidade ao texto e contribui para o seu sucesso editorial, nomeadamente pelo facto do prefaciador da edição francesa, o velho escritor comunista e antigo membro do grupo surrealista, Louis Aragon, aclamar o texto. Um redator da editora francesa Gallimard por forma a tornar mais apelativo o romance indica erradamente na capa que o texto foi escrito na sequência dos acontecimentos de 1968 como forma de denúncia e que é um «romance ideológico por excelência». Esta informação além de anacrónica pressupõe uma dimensão ideológica predominante que o romance, segundo o seu autor, não tem.

É em *O Livro do Riso e do Esquecimento* (1978), romance que se constrói em torno de “variações musicais” - a expressão é do autor – que Milan Kundera compara em várias ocasiões escrita musical e romanesca, exemplificando com a sonata para piano n.º 32, *opus 111* de Beethoven e indicando que «Este livro é todo ele um romance em forma de variações» (Kundera, 2002, p. 194). É também nesta obra que, pela primeira vez, Kundera fala da emigração e do exílio forçado, ele que se instalara poucos anos antes em 1975 em França. Uma entrevista concedida ao diretor do semanário *Nouvel Observateur*, assim como a pré-publicação de um excerto do romance terão como efeito imediato a perda da nacionalidade checoslovaca, risco de que era totalmente consciente. Até 1981, ano em que lhe é concedida pelo presidente François Mitterrand a nacionalidade francesa, será um apátrida.

Na terceira parte de *O Livro do Riso e do Esquecimento*, «Os anjos», o narrador alter ego de Kundera evoca um dado autobiográfico quando refere que «Pouco

depois de os Russos ocuparem o meu país, em 1968, expulsaram-me do meu trabalho (como a milhares e milhares de outros checos), e ninguém teve o direito de me dar outro emprego» (*ibid.*, p. 73). Para sobreviver, uma das personagens socorre-se de um expediente: a publicação de horóscopos não assinadas - por serem supostamente de um cientista - numa revista para jovens a convite de R., redatora deste periódico. Contudo, no fim da terceira parte descobre que já não pode viver utilizando este subterfúgio sem pôr em risco a segurança de quem ama e, por conseguinte: «só me restava deixar o meu país» (*ibid.*, p. 92).

Uma evocação mais precisa, na quinta parte da obra, desta vez remetendo para a própria biografia de Kundera, assinala os motivos da partida do escritor e a sua instalação em França:

Estamos no Outono de 1977, o meu país dorme já há oito anos sob o doce e vigoroso abraço do império russo, Voltaire foi excluído da universidade e os meus livros, retirados de todas as bibliotecas públicas, estão fechados em qualquer cave de Estado. Ainda esperei alguns anos, depois entrei num carro e viajei para o mais longe possível, para oeste, até à cidade bretã de Rennes, onde encontrei, logo no primeiro dia, um apartamento no andar mais elevado da torre mais alta. No dia seguinte de manhã, quando o sol me acordou, percebi que aquelas grandes janelas davam para leste, para o lado de Praga. (*ibid.*, p. 152)

Assim se desenha a armadilha do estrangeiro depois do escritor ter sido obrigado inicialmente a um exílio interior.

Na quarta parte, «As Cartas perdidas», outra personagem deste romance, Tamina, é empregada num café de uma província francesa - não identificada no texto - depois de ter fugido da Checoslováquia com o marido Mirek. Depois da morte deste, constatando com tristeza e angústia a perda progressiva da memória da sua vida anterior, sentimento que se transforma numa obsessão, contacta por telefone a sogra que ficara em Praga para tentar reaver uns diários e cartas de amor que o casal deixara. Do outro lado, Tamina ouve uma voz: «Em vez de uma exclamação de alegre surpresa, no auscultador ouviu-se apenas um glacial: “Com que então! Finalmente lembraste-te de mim?”» (*ibid.*, p. 99). Em jeito de desculpa, responde assim a nora: «Sabes que não nado em dinheiro. O

telefone é caro.» (*Ibid.*, p. 100). Semelhante preocupação financeira repete-se no decorrer desta quarta parte do romance: «O telefone custa caro e o ordenado de Tamina mal chega para pagar a renda e alimentação.» (*Ibid.*, p. 112) ou ainda quando contacta o pai: «Papá, o telefone custa terrivelmente caro.» (*Ibid.*, p. 121) A conclusão desta parte do romance, depois da desilusão sofrida por Tamina ao não conseguir recuperar a inscrita íntima do casal, é brutal: «Ela continuou a servir cafés e nunca mais telefonou para Praga.» (*Ibid.*, p. 137). Na sexta parte do *Livro do Riso e do Esquecimento*, Kundera retoma a narração da história desencantado de Tamina: «Continua a servir num café num bar de uma cidadezinha da Europa Ocidental. Mas perdeu o brilho daquela delicada solicitude que dantes encantava os clientes.» (*Ibid.*, p. 190).

Como qualquer exilado ou imigrante ilegal, a saída do país natal fora organizada minuciosamente.

Tamina e o marido tinham deixado a Boémia ilegalmente. Tinham-se inscrito para uma estadia à beira-mar que a agência de viagens oficial checoslovaca organizava na Jugoslávia. Quando chegaram, abandonaram o grupo, atravessaram a fronteira austríaca e dirigiram-se para oeste. (*Ibid.*, p. 101)

A experiência do país longínquo é dificilmente compreensível ou pior, rejeitada pela população do país de acolhimento, neste caso a França: «Por vezes, as pessoas explicavam-lhe o que pensavam sobre o seu país, mas não se interessavam pela sua experiência» (*Ibid.*, p. 114-115). Esta indiferença dos franceses em relação à vida que Tamina tivera antes de imigrar verifica-se igualmente nas personagens das amigas de outra personagem de Kundera, Irina, no romance *A Ignorância*, que, neste caso, aquando do seu regresso a Praga não a questionam sobre o que foi a sua vida no país de exílio como se não existisse um hiato temporal ou como se não existisse um alhures por essência irrepresentável ou desinteressante.

Antes do verdadeiro exílio fora do país, o exílio para os checoslovacos que são considerados uma ameaça ou simplesmente que se tornaram indesejáveis é o afastamento para outro local numa espécie de degredo social. Assim acontece no *Livro do Riso e do Esquecimento*: «Essa paisagem recordava a Tamina o

local da Boémia onde o marido tivera o último emprego, quando aceitara, depois de ter sido despedido do trabalho, um lugar de condutor de bulldozer, a cerca de cem quilómetros de Praga.» (*Ibid.*, p. 195). Tal acontece também à personagem do romance seguinte *A Insustentável leveza do ser*.

Este segundo romance escrito em checo quando se encontra a residir em França, publicado inicialmente na sua tradução francesa, em janeiro de 1984, retoma algumas das temáticas já presentes no anterior livro: a meditação sobre a existência e a presença de elementos compositivos de origem musical. Tomas, uma das personagens principais do romance, cirurgião checo reconhecido internacionalmente, é convidado por um colega na sequência dos acontecimentos de 1968: «o director de uma clínica de Zurique, que conhecera num colóquio internacional, todos os dias lhe telefonava da Suíça. Temia que lhe acontecesse qualquer coisa de mal e punha um lugar à sua disposição.» (Kundera, 2008, p. 34).

O capítulo 13, conta a instalação do médico em Zurique com a mulher Tereza que acaba por regressar a Praga passados seis ou sete meses «por não ter a força suficiente para viver no estrangeiro», escreve ela numa carta de despedida deixada no apartamento (*Ibid.*, p. 38). O romance narra igualmente, nos capítulos 24 e seguintes, a dificuldade em se adaptar à cidade suíça por estar impossibilitada de continuar a sua atividade como fotógrafa salvo a registar fotografias de gatos.

Tereza, tal como os restantes estrangeiros, sobretudo refugiados e exilados, sente a dificuldade em viver num país onde não tem as protecções de quem vive na sua terra:

Quem vive no estrangeiro deixa de ter por debaixo de si a rede de segurança que é, para todo o ser humano, o país natal, o país onde se tem a família, os colegas, os amigos e onde é fácil fazermo-nos entender na língua que conhecemos desde crianças. É certo que em Praga dependia de Tomas — mas só pelo coração. Aqui, dependia dele para tudo: Se ele a deixasse, o que lhe aconteceria a ela? Estava condenada a passar a vida inteira no terror de o perder? (*Ibid.*, p. 94).

Kundera na terceira parte intitulada «As palavras mal-entendidas», através da personagem de Sabina, pintora checa refugiada em Genebra, critica as atitudes de alguns exilados: «Uma vez mais, os presentes acabaram por pôr-se a discutir se os checos deviam ou não ter lutado contra os russos de armas na mão. Claro que ali, ao abrigo da emigração, toda a gente proclamava que sim.» (*Ibid.*, p. 115). Inclusive este romance será bastante mal recebido por muitos dissidentes a viverem fora do país, sentindo como uma traição o facto do romancista continuar a dedicar-se à criação em vez de usar da sua notoriedade para defender a causa dos opositores. Sabina é alvo de semelhante crítica: «O que é que você fazia no nosso país para lutar contra o regime comunista? Pintava os seus quadros e dava-se por muito satisfeita...» (*Ibid.*, p. 115). Quem lhe dirige esta acusação é um homem identificado somente como tendo «cabelos grisalhos» cuja preocupação única era: «apurar se eram opositores activos ou passivos, opositores da primeira ou da última hora, opositores a sério ou só para dar bom aspecto» (*Ibid.*, p. 116). Perante a incompreensão dos seus compatriotas, a artista interroga-se sobre o que os une, qual é a identidade comum: «A cultura? Mas o que é a cultura? A música? Dvorak e Janacek? Claro que sim. Mas se houver um checo que não gosta de música? A identidade checa desvanece-se imediatamente.» (*Ibid.*, p. 116). A questão da identidade surge de outra forma em *A Imortalidade* quando o narrador fala da nacionalidade da personagem de Agnès que vive em Paris: «Se Agnès não é alemã, é por Hitler ter perdido a guerra» (*Ibid.*, p. 35). A questão da língua como veículo identitário está presente em muitas das obras de Kundera de ficção ou de ensaio. Assim, em *A Imortalidade*:

Os avós maternos de Agnès tinham sido proprietários de uma quinta no limite das zonas francófona e germanófona da Suíça; assim falavam corretamente as duas línguas, embora dependessem administrativamente da Suíça romanda. Os avós paternos eram alemães fixados na Hungria. O pai, que outrora estudara em Paris, tinha um bom conhecimento do francês; contudo, quando se casara, fora o alemão que muito naturalmente se tornara a língua do casal. Mas, depois da guerra, a mãe lembrou-se da língua oficial dos seus pais: Agnès foi mandada estudar para um liceu francês. O pai, na qualidade de alemão, só podia

nessa altura permitir-se um único prazer: recitar no original, versos de Goethe à filha mais velha. (Kundera, 2012, p. 35)

Na terceira parte do romance, no capítulo marcado por um certo burlesco intitulado «O Professor Avenarius», esta personagem tem um encontro marcado com outra designada por «senhor Kundera», duplo do autor-narrador como se descobre quando o dono do café: «estendeu-lhe o meu romance *A Vida não é aqui*» (*Ibid.*, 2012, p.176). O professor que chegara antecipadamente regressa ao boulevard perto da estação de Montparnasse, em Paris, descobrindo uma vivência multicultural feita de manifestantes que «protestavam não contra o racismo francês, como o Professor julgara um pouco antes, mas contra a bulgarização de uma minoria turca da Bulgária.» (*Ibid.*) À entrada do metro e para se informar sobre a manifestação que estava a decorrer, o Professor pede um panfleto que estava a ser distribuído por duas mulheres: «Você é turca?» Interroga ele, «Deus me livre!» responde uma delas «como se ele a tivesse acusado de qualquer coisa de abominável», acrescentando logo a seguir: «Não temos nada a ver com esta manif! Estamos aqui para lutar contra o racismo!» (*Ibid.*) Logo a seguir esbarra num homem: «É contra quê? – perguntou o professor Avenarius. – É pela liberdade do povo Kanaka.» (*Ibid.*, 2012, p. 177). Entre *A Imortalidade* e o romance seguinte temos um novo hiato de cinco anos até surgir o primeiro romance diretamente escrito em francês por Kundera, *A Lentidão*. Este texto surge a partir de um ensaio sobre a única obra de um escritor francês do séc. XVIII, Vivant Denon, um conto intitulado *Point de Lendemain* (*Nada de amanhã*). O autor franco-checo que abandonara, mais uma vez, a vontade de escrever ficção transforma o estudo que começara sobre este autor numa série de variações em torno do desejo e do amor. O narrador personagem decide passar com a mulher chamada Vera, o mesmo nome da mulher do escritor, um fim de semana numa pousada, castelo ou palácio, onde a memória das personagens de Vivant Denon surge no texto kunderiano. No capítulo XVI, quase no fim da primeira metade do romance, é nos descrito um encontro científico que ocorre no mesmo lugar.

A personagem principal deste episódio, Čechořipsky, é um antigo cientista checoslovaco, impedido durante vinte anos pelo regime comunista de exercer a

sua atividade por ter ajudado opositores, muito a contragosto, ao ceder uma sala para uma reunião clandestina. A sua aparição na diegese revela a existência de um desajustamento face a um tipo de evento que não frequente há duas décadas e que se realiza num país estrangeiro. Este desfasamento começa logo à entrada do colóquio quando uma jovem tenta em vão encontrar o seu nome na lista dos convidados. É incapaz de o fazer sem a ajuda do entomologista, não associando a pronúncia do nome e a sua grafia. A incompetência e ignorância linguística da rapariga torna a situação caricata e introduz uma comicidade baseada na repetição. Lembra ao leitor de Kundera que desde o seu romance de estreia, *A Brincadeira*, o escritor tem cultivado o estilo que designa por não-sério independentemente da gravidade dos temas que aborda. A intervenção do cientista, que devia retomar no colóquio uma descoberta de juventude, a de «uma espécie desconhecida de mosca que baptizara de *musca pragensis*» (Kundera, 1995, p.47), acaba por ser atingida pelo ridículo ao esquecer-se de ler a comunicação depois de ter exposto emocionado as causas da sua longa ausência. Ao sair do púlpito segue-se um silêncio prolongado por parte da assistência. Remata então o autor:

[...] o silêncio comovido se convertera em silêncio embaraçado. Toda a gente compreendera que aquele senhor com um nome impronunciável estava de tal maneira comovido consigo próprio que se esquecera de ler a intervenção que deveria tê-lo informado acerca das suas descobertas de novas moscas. E toda a gente sabia que teria sido indelicado lembrar-lho. Depois de uma longa hesitação, o presidente do colóquio tosse e diz: ‘Agradeço ao senhor Tchécochipi... (cala-se durante um bom momento para dar ao convidado uma última oportunidade de se lembrar) ... e chamo o interveniente seguinte.’ É então que o silêncio é brevemente entrecortado por um riso sufocado ao fundo da sala. (*Ibid.*, p. 50)

A humilhação vivida pelo patético e ridículo cientista checo, neste episódio, é também uma forma que encontrou Kundera de ajustar algumas contas com um meio universitário francês que tão bem conhece por tê-lo frequentado ao longo de quinze anos. Do romance *A Lentidão* dirá, anos mais tarde, Kundera que é «o carnaval dos exibicionistas e das vaidades durante um colóquio científico em

França»¹.

O segundo romance escrito em francês passa-se em França com personagens todas elas francesas. Talvez por isso tenha sido mal acolhido pela crítica que considerou que Kundera devia ter protagonistas checos e falar do exílio. A queda do muro de Berlim e o fim do regime comunista com a revolução de veludo na Checoslováquia tornou bem menos apetecíveis escritores como Kundera em França que perderam, entretanto, o seu estatuto de vítima. Devido ao mau acolhimento do público francês, o romance seguinte também redigido na língua de Molière, *A Ignorância*, é publicado inicialmente em tradução, nomeadamente em português, antes de ser publicada em França em 2003. O texto surge primeiro numa tradução espanhola, em 2000, o que se explica não só pelo facto da crítica e dos leitores espanhóis lhe serem mais favoráveis, mas também pela similitude que o romancista encontra no difícil regresso dos exilados depois da morte de Franco e na dos checos na década de 90. Kundera, tal como Joseph ou Irina, personagens centrais do romance, enfrenta o impossível regresso, vinte anos depois de ter saído do país natal, e utiliza como contraponto o motivo literário e mítico do regresso de Ulisses. Apesar da sua dimensão reduzida, o romance condensa as temáticas, situações, personagens e estética das obras que o precederam ao longo de trinta e cinco anos. François Ricard, grande conhecedor da obra de Kundera e editor crítico da edição definitiva na prestigiada coleção Bibliothèque de la Pléiade da Gallimard, diz deste penúltimo texto do escritor que ele é o «romance da existência europeia» (Kundera, 2011b, p. 1220). O seu sucesso editorial nos vários países onde foi publicado, contaminado assim a sua receção positiva em França, deve-se ao facto que, segundo este crítico, o romance foi lido como um texto tratando de um tema universal e profundamente europeu e que vai bem além da geografia e das contingências históricas checas que descreve. E passo a citar o editor numa tradução minha:

[...] a emigração é um dado existencial fundamental da definição mesmo da Europa, ela que marcou dramaticamente a história de numerosos povos do continente, atingidos pelas guerras e pelos êxodos; os judeus destinados

¹ Tradução minha de «le carnaval des exhibitionnistes et des vanités pendant un colloque scientifique en France» (Kundera, 2011b, p.1206).

durante séculos a uma interminável peregrinação; os revolucionários e os contrarrevolucionários de todas as épocas, permanentemente obrigados a encontrar refúgio no estrangeiro; ou ainda tantos mestres da arte europeia do séc. XX, cuja vida decorreu quase toda na emigração, como Joseph Conrad, Witold Gombrowicz, Hermann Broch, Robert Musil, Vladimir Nabokov, Thomas Mann, para só citar alguns, ou ainda os dois maiores compositores modernos, Stravinski e Schönberg, que são inclusive personagens de *A Ignorância*.²

No seu último romance, ainda mais breve que os precedentes, também ele escrito originalmente em francês, cruzam-se personagens de ficção cujas origens podem ser estrangeiras: Ramon e D'Ardelo ao lado de outros bem reais, Staline, Kroutchev, Molotov e Kalinine. Bem mais singular é o ator Caliban, como a personagem de *A Tempestade* de Shakespeare, que ao acompanhar enquanto simples empregado o seu patrão Charles, organizador de cocktails, decide fazê-lo não como francês, mas sim como estrangeiro, criando uma identidade fictícia de paquistanês - por ter a pele escura - e inventando uma língua imaginária. Charles achando a situação divertida participa na mistificação. Num dos cocktails, Caliban conhece uma jovem criada portuguesa e como supostamente só fala paquistanês, a jovem, que detesta a língua francesa, expressa-se na língua de Camões. Como não se entendiam tornaram-se muito próximos, diz o texto. O patrão que pretensamente conhece algumas palavras de paquistanês serve de intérprete. «Diga-lhe, insiste a criada, que ele deve se sentir muito só aqui, em França. Muito só. Queria dizer-lhe que se precisar de alguma coisa, de uma ajuda, ou se precisar de comer...».

Não sendo o tema predominante na ficção kunderiana, a representação do emigrado surge em muitos dos romances do escritor franco-checo como o acabámos de observar.

² «[...] l'émigration est une donnée existentielle fondamentale de la définition même de l'Europe, elle qui a marqué dramatiquement, au cours de leur histoire, de nombreux peuples du continent, frappés par les guerres et les exodes ; les juifs, voués pendant des siècles à une interminable pérégrination ; les révolutionnaires et les contre-révolutionnaires de toutes les époques, sans cesse obligés de chercher refuge à l'étranger ; ou encore tant de maîtres de l'art européen du XX^e siècle, dont la vie s'est déroulée en grande partie dans l'émigration, comme Joseph Conrad, pour n'en nommer que quelques-uns, ou encore les deux plus grands compositeurs modernes, Stravinski e Schönberg, qui sont d'ailleurs des personnages de *L'Ignorance*. (Kundera, 2011b, p.1221).

Bibliografia

Kundera, M. (2002). *O Livro do Riso e do Esquecimento*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, Biblioteca de Bolsa. Tradução de Tereza Coelho revista por Fernanda Frazão.

Kundera, M. (2008). *A Insustentável Leveza do Ser*. Alfragide, Publicações Dom Quixote, Ficção Universal. Tradução de Joana Varela.

Kundera, M. (2012). *A imortalidade*. Alfragide, Publicações Dom Quixote, Ficção Universal. Tradução de Miguel Serras Pereira.

Kundera, M. (1995). *A Lentidão*. Porto, Edições Asa. Tradução de Miguel Serras Pereira.

Kundera, M. (2011a). *Œuvre*. Edition définitive I. Paris, Editions Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade.

Kundera, M. (2011b). *Œuvre*. Edition définitive I. Paris, Editions Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade.